

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS (CCL)

LAURA CARVALHO DA SILVA

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO “GESSO”, DE JARID
ARRAES

São Paulo

2023

LAURA CARVALHO DA SILVA

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO “GESSO”, DE JARID
ARRAES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso Letras Português-Inglês do Centro de
Comunicação e Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito para a
obtenção de Título de Bacharel e Licenciada em
Letras Português-Inglês.

ORIENTADOR(A): ALLEID RIBEIRO MACHADO

São Paulo

2023

LAURA CARVALHO DA SILVA

A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO CONTO “GESSO”, DE JARID
ARRAES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso Letras Português-Inglês do Centro de
Comunicação e Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito para a
obtenção de Título de Bacharel e Licenciada em
Letras Português-Inglês.

Aprovado(a) em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Alleid Ribeiro Machado
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Maria Elisa Rodrigues Moreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Me^a. Laís Gerotto de Freitas Valentim
Universidade Presbiteriana Mackenzie

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me guiar e me dar forças ao longo desta jornada acadêmica, iluminando meu caminho e me proporcionando sabedoria para superar os desafios.

Aos meus queridos pais, Vicente e Maria do Socorro, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me incondicionalmente em todas as fases da minha vida. Obrigado por acreditarem em mim e por serem fonte de inspiração, amor e sabedoria.

Aos meus amados irmãos, Lívia e Lucas, pelo apoio, companheirismo e pelo incentivo constante. Vocês são parte fundamental da minha trajetória e da pessoa que me tornei.

Às minhas amigas, Andreza e Nicolly, que compartilharam comigo momentos de estudo, risos e desafios. Sua amizade foi um alicerce importante durante essa jornada.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Alleid, cuja orientação, conhecimento e apoio foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações e construtivas críticas contribuíram significativamente para a qualidade deste TCC.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento. Este é um marco importante em minha vida acadêmica, e cada um de vocês teve um papel fundamental nessa conquista. Muito obrigada.

REBENTAÇÃO

*há sempre um mar invisível
despejado a conta-gotas
pingando nos olhos de quem sofre*

*o sal que queima a retina
e as veias
violentas ondas de miséria*

só quem sofre

[por amor]

pode saber

as algas presas aos meus cabelos

e o sempre-mar

na ressaca dos meus olhos

(JARID ARRAES)

RESUMO

O presente trabalho analisa a violência de gênero por meio do conto “Gesso”, que compõe a obra de Jarid Arraes, *Redemoinho em dia quente* (2017). A investigação se baseia principalmente na personagem principal, Doralice, explorando como sua história reflete as diversas manifestações da violência, que vão além das agressões físicas. A intenção é verificar também o impacto psicológico e cultural, evidenciando como a obra dialoga com essas questões. Assim, a metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, com o intuito de compreender o que é violência e suas formas multifacetadas, recorremos a autores como Veena Das (2020) e Manuel Castells (2018). Além disso, como se trata de uma obra escrita por mulher, foram consultados autores como Maria do Rosário Alves Pereira e Aline Alves Arruda (2021), a fim de discutir a temática na autoria feminina brasileira. O objetivo principal desta pesquisa é examinar a violência contra a mulher na narrativa e observar as questões de protagonismo e subalternidade, proposta por Spivak (2010). O corpus de análise desta pesquisa, assim, será composto por textos que, segundo a hipótese deste trabalho, permitirá aprofundar as manifestações da violência, considerando nuances emocionais e culturais presentes na narrativa. Este estudo busca uma compreensão aprofundada das manifestações da violência de gênero, considerando diferentes dimensões da narrativa e ampliando o diálogo sobre o protagonismo e subalternidade da personagem Doralice.

PALAVRAS-CHAVE: violência de gênero; mulher; Jarid Arraes; literatura feminina.

ABSTRACT

The present study analyzes gender-based violence through the short story "Gesso," part of Jarid Arraes' work "Redemoinho em dia quente" (2017). The research is primarily based on the main character, Doralice, exploring how her story reflects various manifestations of violence beyond physical aggression. The intention is to examine the psychological and cultural impact, highlighting how the work engages with these issues. Therefore, the research methodology is qualitative, aiming to comprehend the multifaceted nature of violence. Authors such as Veena Das (2020) and Manuel Castells (2018) are consulted for theoretical insights. Additionally, given the female authorship, works by Maria do Rosário Alves Pereira and Aline Alves Arruda (2021) are consulted to discuss the theme in Brazilian female authorship. The main objective is to examine violence against women in the narrative and observe issues of protagonism and subalternity, as proposed by Spivak (2010). The corpus of this research analysis will be composed of texts that, according to the hypothesis of this study, will deepen the manifestations of violence, considering emotional and cultural nuances present in the narrative. This study seeks an in-depth understanding of gender-based violence, considering different dimensions of the narrative, and expanding the discourse on the protagonism and subalternity of the character Doralice.

KEYWORDS: gender-based violence; women; Jarid Arraes; female literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AUTORA E SUAS PRODUÇÕES	13
3 EM TORNO DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA	15
3.1 O QUE É VIOLÊNCIA DE GÊNERO?	17
3.2 VIOLÊNCIA E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA.....	19
4 GESSO: ANÁLISE PREMILINAR	22
4.1 A PROTAGONISTA EM PAUTA	26
4.2 SUBALTERNIDADE OU PROTAGONISMO?	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A questão da violência no Brasil é marcada por uma história complexa de conflitos sociais, desigualdades econômicas, raciais e de gênero, e tensões políticas que ecoam na sociedade brasileira. Quando se trata das mulheres, a situação também é particularmente preocupante. Durante décadas, as mulheres brasileiras enfrentaram diversas formas de violência, incluindo a violência doméstica, o feminicídio, a discriminação de gênero e a falta de acesso a direitos básicos. Como apontado por Mazzariello e Ferreira (2015), a diferença entre homens e mulheres demonstra que certos padrões de comportamento não estão intrinsecamente ligados à natureza dos indivíduos, mas, em vez disso, estão profundamente influenciados pelos variados processos culturais e de socialização. Esta perspectiva destaca que as estruturas sociais desempenham um papel fundamental na perpetuação das desigualdades e opressões de gênero.

O conto "Gesso", presente na obra *Redemoinho em dia quente* (2019), da autora brasileira Jarid Arraes, retrata a violência no Brasil de uma maneira profunda e comovente, concentrando-se nas vidas de mulheres em meio a um contexto de conflitos e opressão. Através das experiências da protagonista Doralice, a narrativa expõe as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e as consequências devastadoras da violência de gênero e da opressão em suas vidas. A narrativa de Arraes lança luz sobre a resiliência e a luta dessas mulheres, ao mesmo tempo em que oferece uma reflexão sobre as complexidades da sociedade brasileira e das experiências humanas profundamente afetadas pela violência de gênero.

Assim, este trabalho busca compreender a questão da violência no Brasil sob uma perspectiva mais ampla e complexa, reconhecendo que as raízes desse problema estão profundamente enraizadas nas dinâmicas sociais, culturais e políticas do país. Por meio da narrativa de Jarid Arraes, é possível explorar as múltiplas dimensões dessa violência, especialmente a violência de gênero, e refletir como a questão da violência é representada na obra e seu impacto na construção e configuração da protagonista, tendo em vista um contexto social, considerando questões da cultura e história do Brasil.

Assim, a primeira parte do estudo é uma visão geral do trabalho. A introdução estabelece o pano de fundo para a análise do conto "Gesso", que compõe a obra *Redemoinho em Dia Quente* (2017), de Jarid Arraes, ressaltando como a obra aborda

questões cruciais relacionadas à violência de gênero e à luta das mulheres contra a opressão. O objetivo geral é compreender e refletir sobre a representação da violência de gênero na narrativa, considerando o contexto social, cultural e histórico do Brasil. O estudo pretende explorar a evolução da protagonista, Doralice, e sua resistência em um relacionamento abusivo, analisando as dinâmicas de subalternidade e protagonismo presentes na narrativa. A introdução estabelece o tom e o escopo do estudo, delineando as questões-chave que serão abordadas nos capítulos subsequentes.

A fundamentação teórica da análise está pautada no conceito de violência proposto por Veena Das, em *Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário* (2020) e para o conceito de gênero e violência de gênero será utilizado *Violência e gênero* (2009), de Manuel Lisboa. Para a concepção do termo subalternidade, a obra *Pode o subalterno falar?* (2010), de Gayatri Chakravorty Spivak, e para a compreensão das dimensões de estruturas sociais e políticas que moldam a sociedade contemporânea, *Ruptura: A crise da democracia liberal* (2018), de Manuel Castells. E o objeto de pesquisa, o conto “Gesso”, está fundamentado em uma análise interdisciplinar que busca compreender a violência de gênero e a subalternidade.

Já no capítulo dois, Autora e suas produções, é evidenciado o perfil e a contribuição significativa de Jarid Arraes para a literatura contemporânea brasileira, principalmente por meio de suas obras que abordam questões essenciais de gênero e violência. Seu primeiro livro, "*Redemoinho em Dia Quente*" (2017), uma coleção de contos sensíveis e poderosos, destaca as lutas diárias das mulheres e sua resiliência em meio à vulnerabilidade. Além disso, sua voz singular como escritora reflete um profundo compromisso com a representação autêntica das experiências femininas e um entendimento agudo das complexidades enfrentadas por mulheres em diversas esferas da vida.

Em relação ao capítulo três, é abordado a fundamentação teórica para a análise, que explora o conceito de violência, considerando sua natureza complexa e multifacetada, influenciada por estruturas sociais, culturais e políticas. As discussões de Das (2020) e Castells (2018) ressaltam a instabilidade da categoria de violência, que varia de acordo com o contexto e as perspectivas das pessoas envolvidas. O capítulo também examina a história da violência no Brasil, evidenciando a influência persistente de desigualdades e estruturas de poder, como discutido por Silva (2022).

Além disso, destaca a violência de gênero como uma manifestação significativa dessa dinâmica, moldada por normas patriarcais e desigualdades de gênero ao longo dos séculos. Ademais, o foco está no conceito de gênero, conforme discutido por Barros (2009). O autor enfatiza que o termo abrange papéis sociais, normas e valores construídos e perpetuados ao longo do tempo, influenciando comportamentos e interações de homens e mulheres na sociedade. Simone de Beauvoir, em "*O Segundo Sexo*" (1949), destaca que as mulheres se tornam femininas ao longo da vida, sugerindo a construção social da identidade de gênero. A violência de gênero é contextualizada como uma manifestação complexa enraizada em fatores históricos, culturais e sociais, muitas vezes naturalizada e difícil de ser identificada empiricamente. Ela abrange diferentes formas, como violência sexual, psicológica, verbal e física, afetando desproporcionalmente mulheres e outras identidades de gênero. Diante disso, a discussão gira em torno da relação entre a violência e a literatura de autoria feminina. A autora Pellegrini (2005) destaca a presença constante da violência na cultura brasileira e sua influência nas expressões artísticas e literárias. O período da pós-modernidade é contextualizado como uma era de mudanças socioculturais marcadas por heterogeneidade, fragmentação e desconfiança em discursos universais. A literatura feminina contemporânea é analisada por Pereira e Arruda (2021), que observam o aumento da abordagem de questões de gênero, como estupro, maternidade e lesbianidade, como formas de contestar a violência sofrida pelas mulheres ao longo da história. A literatura é reconhecida como um espelho dos tempos tumultuados e das mudanças geopolíticas intensas, fornecendo uma voz que não apenas resiste às adversidades, mas também contribui para uma narrativa mais inclusiva e diversa. A visão de Schollhammer (2013) ressalta a importância dos objetos estéticos da violência na compreensão da sociedade e destaca a relevância da representação sensível e reflexiva da violência na literatura feminina. A obra de Jarid Arraes, "*Gesso*", é citada como um exemplo relevante dessa abordagem literária contemporânea, que explora as complexidades da violência de gênero e do corpo feminino como objeto de opressão e resistência.

No capítulo quatro, é analisado o conto "*Gesso*" de Jarid Arraes, destacando a história narrada por Doralice, uma mulher que enfrenta um relacionamento abusivo com Sérgio. A narrativa se desenrola durante uma cerimônia de renovação na casa de sua vizinha, onde Doralice busca temporariamente refúgio da violência de Sérgio,

considerando o contexto cultural e histórico do Brasil, com suas normas patriarcais arraigadas, é destacado como um fator que contribui para a perpetuação da violência de gênero, refletido na submissão de Doralice e em sua busca por intervenção divina. O foco recai sobre a análise da protagonista Doralice no conto "Gesso", destacando sua jornada de submissão e resistência em um relacionamento abusivo. A narrativa ressalta como Doralice, inicialmente retratada como uma figura vulnerável, eventualmente demonstra sinais de determinação e busca por emancipação dentro de um contexto social restritivo. Seu testemunho é considerado crucial para revelar as realidades das mulheres em situações de opressão, oferecendo uma crítica contundente das estruturas de poder e opressão. Por fim, será considerada a posição que é ocupada pela protagonista de "Subalternidade ou Protagonismo?", a análise se baseia nas perspectivas de Spivak, Das e Castells sobre a subalternidade e a violência estrutural, contextualizando as experiências das mulheres em situações de opressão e falta de representação. Destaca-se a importância de reconhecer a voz e a agência das mulheres subalternas, desafiando as estruturas de poder e subjugação.

A subalternidade é descrita como uma condição de silenciamento e exclusão, onde os sujeitos colonizados são privados de sua voz e agência, enquanto a violência de gênero é compreendida como uma categoria complexa que abrange diversas dimensões físicas, psicológicas e sociais. A análise de Spivak destaca a marginalização das mulheres subalternas e a necessidade de amplificar suas vozes, enquanto as perspectivas de Das e Castells ressaltam a importância de considerar as raízes culturais e estruturais da violência de gênero.

O protagonismo é definido como a capacidade das mulheres de desempenharem papéis ativos e centrais em suas vidas e na sociedade em geral, desafiando as limitações impostas pelo patriarcado. A narrativa do conto "Gesso" de Jarid Arraes ilustra a luta de Doralice contra a opressão e a violência de seu parceiro, Sérgio, revelando seu protagonismo ao desafiar ativamente o controle dele no desfecho da história. A análise enfatiza a importância de considerar a agência das mulheres subalternas e o impacto da violência de gênero em suas vidas, ressaltando a necessidade de empoderamento e libertação.

Por fim, a conclusão ressalta a importância do estudo em relação à compreensão da complexidade da violência de gênero no contexto brasileiro. A análise do conto "Gesso" de Jarid Arraes evidencia a capacidade transformadora do

protagonismo feminino e a necessidade de enfrentar as estruturas de poder opressivas. As ideias de Spivak, Das e Castells contribuem para a compreensão das dinâmicas sociais e culturais que perpetuam a subalternidade das mulheres, enfatizando a importância de promover espaços seguros para que as mulheres possam expressar suas próprias experiências e perspectivas. A luta contra a subalternidade requer a conscientização contínua e a proteção dos direitos das mulheres, em prol de uma sociedade mais igualitária e justa.

A metodologia utilizada no trabalho é de caráter qualitativo, com ênfase na análise textual e interpretativa do conto "Gesso". A abordagem qualitativa permite uma compreensão mais profunda das complexidades e nuances das questões relacionadas à violência de gênero, subalternidade e dinâmicas sociais presentes na obra literária. Por meio de uma análise minuciosa do texto, são identificados elementos simbólicos, estruturais e contextuais que contribuem para a construção do significado e das mensagens subjacentes presentes no conto.

2 AUTORA E SUAS PRODUÇÕES

Jarid Arraes é uma escritora brasileira contemporânea conhecida por suas obras que abordam temas relacionados à violência de gênero, empoderamento feminino e questões sociais. Nasceu em Juazeiro do Norte, no Ceará, em 1991. Sua formação acadêmica inclui estudos em Design de Moda e Letras. Desde jovem, demonstrou interesse pela escrita e pela literatura, mas foi após sua participação em saraus literários e movimentos culturais que sua voz como escritora se destacou. Além de autora, Jarid também é cordelista, uma tradição literária nordestina que ela incorpora em sua escrita de maneira inovadora. (OLIVEIRA, 2019, **El País**)

Seu primeiro livro *Redemoinho em Dia Quente* (2017) é uma coletânea de contos que aborda temas como a condição feminina, a vida no Nordeste do Brasil e as lutas diárias das mulheres. Os contos oferecem uma visão sensível e poderosa das vidas das personagens, muitas vezes em situações de vulnerabilidade, e destacam a força e a resiliência feminina. Outras produções também se destacam como *As Lendas de Dandara* (2018) e *Um Buraco com Meu Nome* (2020).

Em uma entrevista realizada, a autora afirma que:

Desde muito nova eu sempre quis ser escritora, mas não entendia que aquilo era uma profissão, o que acabou acontecendo mesmo pelo destino, como se tivesse que acontecer. Eu comecei a escrever no meu blog sobre feminismo, depois fui convidada pela Revista Fórum e aí quando eu comecei a escrever os cordéis que eu de repente me dei conta: eu sempre quis ser escritora e agora eu sou escritora, socorro! (LIMA apud TEIXEIRA, 2018, p. 627).

Em *Redemoinho em Dia Quente* (2017), que é composto por trinta contos e dividido em duas partes, a autora enfatiza protagonistas femininas de diferentes idades, contextos e expressões pessoais. A obra apresenta uma narrativa plural, preocupando-se em retratar de maneira autêntica a condição da mulher e suas experiências e suas relações com o mundo. O livro não apenas explora o ambiente em que essas personagens estão inseridas, mas também proporciona reflexões sobre como essa condição se manifesta na sociedade como um todo. (SANTOS, 2020, p. 498)

Sua trajetória literária é marcada pelo engajamento ativo em questões feministas e por sua habilidade singular em dar voz a personagens frequentemente marginalizadas na sociedade brasileira. Por meio de suas obras, Jarid Arraes contribui significativamente para a discussão e conscientização sobre questões de gênero e

violência no Brasil contemporâneo. Seu compromisso com a representação autêntica e sensível das experiências femininas ressoa fortemente em seus contos e escritos, demonstrando um profundo entendimento das complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres em diversas esferas da vida.

Em relação à linguagem de suas produções, é caracterizada por ser acessível e impactante, em que são utilizadas metáforas vívidas e imagens poéticas que evocam emoções profundas e provocam uma reflexão mais profunda sobre as questões de gênero e violência. Sua voz ressoa com autenticidade e urgência, convidando os leitores a se envolverem em diálogos significativos sobre justiça social, empoderamento feminino e resiliência humana. Também traz elementos da tradição literária nordestina do cordel confere um toque regional e autêntico às suas obras, enriquecendo ainda mais a experiência de leitura e conectando seus leitores com a rica herança cultural do Nordeste brasileiro.

Além disso, a incorporação inovadora da tradição literária nordestina do cordel em sua escrita acrescenta uma dimensão única e local às suas narrativas, ampliando assim o alcance de suas mensagens para uma audiência diversificada. Com sensibilidade e perspicácia, Jarid Arraes convida seus leitores a refletir sobre questões fundamentais de justiça social e resiliência humana, consolidando seu lugar como uma voz proeminente na literatura contemporânea brasileira.

3 EM TORNO DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Entende-se por violência, segundo Das (2020), como uma categoria fundamentalmente instável e não transparente, que vai além de meros atos físicos de agressão, sendo vista como um fenômeno complexo que está interligado a estruturas sociais, questões culturais, políticas e econômicas. Ou seja, a instabilidade da categoria de violência considera que seu significado pode variar dependendo do contexto e das perspectivas das pessoas envolvidas.

O que é considerado violento em um contexto pode não ser percebido da mesma forma em outro, pois as normas culturais, valores, estruturas sociais e poder desempenham um papel fundamental na definição e na percepção da violência. Já dimensões estruturais e políticas da violência são fenômenos enraizados em estruturas sociais, políticas e econômicas. De acordo com Castells (2018), essas diferentes dinâmicas e instituições podem criar condições propícias para o surgimento e a escalada da violência em várias formas. Questões como desigualdade, discriminação, opressão e acesso limitado a recursos podem contribuir para a perpetuação da violência. Assim, ela inclui danos emocionais, psicológicos e sociais que resultam de experiências traumáticas. Isso reconhece que a violência pode ter impactos profundos na saúde mental e no bem-estar das pessoas afetadas.

A história do Brasil é marcada por uma trajetória complexa de violência, desde o início da sua formação, em que “A ideia de nação foi constituída em meio a um projeto colonizador de exploração e dominação de outros povos.” (SILVA, 2022, p. 87 e 88). A independência, em 1822, não trouxe mudanças significativas nas estruturas de desigualdade e nas dinâmicas de violência existentes. Na ditadura militar (1964), acentuou-se as narrativas que consideravam legítimas as ações violentas, tendo como justificativa para essas ações a suposta necessidade de preservar a ordem e a segurança do Estado, sob o pretexto de proteger a democracia.

A ascensão do neoliberalismo, especialmente durante os anos 1990 e início dos anos 2000, coincidiu com mudanças profundas na economia e na política brasileira. No contexto brasileiro, a implementação de políticas neoliberais frequentemente resultou em desigualdades econômicas mais profundas e em uma maior concentração de riqueza. A narrativa neoliberal muitas vezes enfatizou a ideia de que o mercado livre e a competição beneficiam a sociedade como um todo. No entanto, a realidade mostrou que, em muitos casos, as políticas neoliberais resultaram

em uma ampliação das disparidades socioeconômicas, levando a um aumento da violência social, criminalidade e tensões em comunidades marginalizadas.

Os dados mostram de forma incontestável que os índices de desigualdade social, racial e de gênero no Brasil são alarmantes e se refletem diariamente em práticas discriminatórias e excludentes. As minorias, que incluem as mulheres, os indígenas, os negros e a população LGBTQIA+, frequentemente se encontram na linha de frente dessas desigualdades e enfrentam diferentes formas de violência. (SILVA, 2022, p. 88 e 89).

Observando-se, especificamente, a “violência contra as mulheres”, no Brasil, trata-se de um tema que tem sido estudado e aprofundando a fim de entender os seus tipos e consequências para a vida de cada uma. Ao longo dos séculos, as mulheres enfrentaram diversas formas de abuso, opressão e discriminação, que se manifestaram desde a colonização até os tempos contemporâneos.

A colonização trouxe consigo a imposição de valores patriarcais, que perpetuaram a subjugação das mulheres indígenas e negras. Durante a escravidão, as mulheres negras eram particularmente vulneráveis à violência sexual e física, uma vez que eram frequentemente tratadas como propriedade de seus senhores. No período da ditadura militar, muitas mulheres foram vítimas de perseguição política e prisões arbitrárias, e a violência sexual era usada como uma forma de tortura.

Apesar dos avanços legais nas últimas décadas, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, a violência doméstica, de gênero e o feminicídio ainda persistem como problemas graves no país. Entretanto, o Brasil enfrenta altas taxas de feminicídio, com mulheres sendo assassinadas, violentadas de diferentes formas.

Este contexto de compreensão da violência, como delineado por Das (2020) e Castells (2018), é fundamental para entender a história da violência de gênero no Brasil. Ao longo dos séculos, o Brasil tem sido marcado por uma complexa rede de violências que afetam principalmente as mulheres. Essas violências não se limitam apenas a atos físicos de agressão, mas também englobam dimensões emocionais, psicológicas e sociais.

A instabilidade da categoria de violência se reflete na maneira como a violência de gênero tem sido percebida e tolerada ao longo da história brasileira. Normas culturais, estruturas sociais patriarcais e desigualdades de poder moldaram a percepção da violência de gênero, muitas vezes minimizando ou normalizando-a. O

papel das mulheres na sociedade, frequentemente relegado a um status subalterno, contribuiu para a invisibilidade de muitos atos violentos.

As dimensões estruturais e políticas da violência, mencionadas por Castells (2018), são evidentes na história do Brasil. A desigualdade de gênero, a discriminação e a falta de acesso a recursos têm sido elementos-chave na perpetuação da violência contra as mulheres. A história do Brasil é marcada por séculos de opressão e exploração das mulheres, desde a época colonial até os dias de hoje. Portanto, a violência de gênero não pode ser desvinculada das estruturas sociais e políticas que historicamente perpetuaram essa violência.

3.1 O QUE É VIOLÊNCIA DE GÊNERO?

O conceito de gênero tem sido debatido constantemente por diversos estudiosos e podem ter perspectivas distintas sobre o assunto. O termo, segundo Lisboa (2009, p. 25 e 26), refere-se principalmente aos papéis sociais, valores, normas e modelos que são construídos e perpetuados socialmente em diferentes contextos ao longo do tempo, influenciando as ações e comportamentos de homens e mulheres na sociedade. Essas dimensões socioculturais são moldadas a partir das diferenças biológicas entre os sexos, ou seja, entre homens e mulheres. Como Simone de Beauvoir argumenta em *O Segundo Sexo* (1949), as mulheres não nascem com identidades femininas predefinidas, mas, em vez disso, elas "se tornam mulheres" ao longo de suas vidas. Portanto, o conceito de gênero abrange a compreensão de como as sociedades atribuem significados, papéis e expectativas distintas para homens e mulheres com base em suas diferenças percebidas, o que influencia profundamente suas vidas e interações na sociedade.

Assim, a violência de gênero pode se apresentar de várias maneiras, abrangendo aspectos físicos, psicológicos, econômicos, sexuais e sociais, incluindo discriminação sociocultural.

Uma violência estreitamente associada à reprodução dos estereótipos e papéis de gênero e aos complexos e dinâmicos processos de construção das identidades, que não se confina às relações íntimas, heterossexuais e/ou homossexuais, mas que atravessa toda uma dimensão interpessoal, e institucional (família, escola, trabalho), intergêneros, intrafeminina e intramasculina.

[...]

A violência baseada no gênero é socialmente construída a partir de uma teia complexa de factores históricos, económicos, sociais e culturais, esbatida nas práticas sociais dos actores através de um

processo de naturalização das desigualdades e, também por isso, desfocadas nas suas causas e difíceis de observar empiricamente. (LISBOA, 2009, p. 26 e 27)

Essa violência é resultado de uma complexa interação de fatores históricos, econômicos, sociais e culturais. Ela é enraizada nas práticas sociais dos indivíduos, muitas vezes de forma naturalizada, o que significa que as desigualdades de gênero são aceitas como parte do *status quo*. Isso torna as causas da violência de gênero difíceis de identificar empiricamente, pois estão profundamente enraizadas na estrutura social e nas interações cotidianas. A natureza multifacetada e socialmente construída da violência de gênero destaca que suas raízes vão além das meras relações interpessoais. Ela é alimentada por uma rede complexa de influências históricas e culturais profundamente arraigadas na estrutura social e nas interações cotidianas. A violência de gênero é frequentemente resultado de uma interação intrincada de fatores históricos, econômicos e sociais, e é frequentemente naturalizada dentro das práticas sociais, o que significa que as desigualdades de gênero são aceitas como parte integrante do status quo. Isso torna as causas da violência de gênero difíceis de serem identificadas empiricamente, exigindo uma análise aprofundada das normas sociais, expectativas de gênero e dinâmicas de poder subjacentes que contribuem para a perpetuação desse fenômeno. De acordo com as legislações vigentes no Brasil, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e o Código Penal Brasileiro, as manifestações que englobam a violência de gênero, na qual abrange principalmente as mulheres, mas podem atingir outras identidades, são diversas e entre elas constam formas de violência sexual (estupro ou assédio sexual) que podem ocorrer em diversos contextos, desde o ambiente de trabalho até espaços públicos. A violência psicológica envolve a manipulação emocional, humilhação, ameaças e controle psicológico por parte de um agressor, muitas vezes visando minar a autoestima da vítima. A violência verbal, por sua vez, constitui-se por insultos, palavras depreciativas, intimidação e outras formas de comunicação verbal abusiva. A violência física, por seu turno, constitui-se por formas de agressões físicas, como bater, chutar, sufocar ou causar ferimentos, entre outras. Essas são apenas algumas das formas de violência de gênero que afetam mulheres e pessoas de outras identidades de gênero em todo o mundo.

No segundo semestre de 2023, em todo o país [Brasil], segundo os dados disponibilizados pelo Ministério da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), órgão

fundado em 2019, aponta 61,95% do protocolo de denúncias (72.092), as denúncias (113.552) e as violações (737.257) correspondem ao perfil do gênero feminino. Em que o protocolo de denúncias refere-se a quantidade de registros que demonstra a quantidade de vezes em que os usuários registraram uma denúncia. Já as denúncias são a quantidade de relatos de violação de direitos humanos envolvendo uma vítima e um suspeito. Uma denúncia pode conter uma ou mais violações de direitos humanos. As violações representam qualquer fato que atente ou viole os direitos humanos de uma vítima.

Os dados do MMFDH evidenciam a persistência da violência de gênero no Brasil. O fato de que a maioria esmagadora das denúncias e violações de direitos humanos envolve o perfil feminino destaca a urgência de abordar essa questão de maneira eficaz. A violência de gênero continua a ser uma realidade que afeta desproporcionalmente as mulheres em várias esferas da sociedade.

Tendo essa questão complexa e urgente, é basilar reconhecer que as autoras contemporâneas têm desempenhado um papel fundamental ao abordar questões de gênero, violência doméstica e feminicídio em suas obras literárias. Suas narrativas não apenas expõem sobre esses problemas sociais, mas também oferecem uma voz para as experiências e perspectivas das mulheres que muitas vezes são silenciadas. Ao narrar histórias que abordam a violência de gênero, essas autoras contribuem para a conscientização pública e promovem discussões cruciais sobre a necessidade de erradicar essa forma de violência em nossa sociedade.

3. 2 VIOLÊNCIA E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

A temática da violência, consoante a Pellegrini (2005, p. 134), permeia a cultura brasileira de diversas maneiras, configurando-se como um elemento intrínseco que molda não apenas a ordem social, mas também as expressões artísticas e literárias do país. Na literatura brasileira, essa violência assume uma ampla gama de formas, nuances e intensidades, e pode ser rastreada desde os primórdios da sua produção, tanto na prosa quanto na poesia.

O período conhecido como pós-modernidade, considerado aqui como um amplo conceito ideológico que surgiu a partir dos anos 1960 em decorrência de mudanças na infraestrutura industrial, econômica e na globalização no ocidente, trouxe consigo uma série de características marcantes, incluindo ênfase na

heterogeneidade, diferença, fragmentação e indeterminação. Além disso, esse contexto também gerou uma desconfiança em relação a discursos universais e totalizantes. No âmbito dos estudos de gênero, essa mobilidade cultural resultou em novas dinâmicas nas relações entre os sexos, promovendo interseções com questões de raça, classe, religião, entre outras. Nesse contexto, a literatura escrita por mulheres no Brasil tem respondido de maneira positiva a esses estímulos, abordando criticamente as novas configurações socioculturais da pós-modernidade em suas obras.

Mas foi apenas nos anos de 2000 para os dias de hoje, em conformidade a Pereira e Arruda (2021, p.148), as narrativas de autoria feminina começaram a manifestar questões de gênero, que é um produto estético intimamente ligado à reflexão sobre a sociedade e a história. Nesse contexto, surgiram vozes literárias que passaram a chamar a atenção dos leitores para problemas que sempre estiveram presentes nas relações sociais desiguais de gênero, mas que raramente eram abordados na escrita das mulheres.

Temas como estupro, incesto, consequências da adesão ou não à maternidade, lesbianidade, dentre outros, começam a ser trabalhados de modo mais intenso. As mulheres passam a utilizar a escrita literária como um espaço contestatório, inclusive, da violência tradicionalmente sofrida pelos corpos femininos, violência esta que só começou a ser reconhecida como tal há pouco tempo. Para se ter uma ideia dessa situação, somente em 2004 a expressão “mulher honesta” foi retirada do Código Penal, em vigor desde 1940. (PEREIRA E ARRUDA, 2021, p. 148)

Ou seja, a literatura contemporânea possui um papel de refletir sobre as sociedades e as culturas, agindo, muitas vezes, como um espelho dos tempos tumultuados e das mudanças geopolíticas intensas que marcam o presente. Ela não apenas reflete a crescente polarização, a intolerância e o medo que permeiam a sociedade, mas também destaca a presença histórica das mulheres em todos os âmbitos, incluindo a literatura. Logo, a produção literária feminina ganha relevância como uma voz que não apenas resiste às adversidades, mas também contribui para a construção de uma narrativa mais inclusiva e diversa, abordando questões de gênero de forma crítica e sensível. (ALMEIDA, 2019, p. 16)

Em consonância com essa perspectiva, é crucial reconhecer os objetos estéticos da violência e sua relação com o processo de simbolização da realidade social. Eles desempenham um papel vital e constitutivo nessa realidade, permitindo

compreender a complexidade das experiências humanas e a interconexão entre a literatura, a violência e a sociedade. Como pressupõe Schollhammer (2013, p. 13), "precisamos reconhecer os objetos estéticos da violência na sua relação com o processo geral da simbolização da realidade social, já que participam de maneira vital e constitutiva desta mesma realidade." Isso ressalta a profunda ligação entre a literatura, a representação da violência e a compreensão da sociedade.

Cabe ressaltar que os objetos estéticos da violência são representações artísticas, como textos literários, obras de arte visual ou performances, que abordam de maneira sensível e reflexiva a temática da violência. Dentro da literatura, esses objetos podem se manifestar por meio de narrativas, personagens e situações que exploram diversas formas de violência, incluindo a violência de gênero. Eles desempenham um papel fundamental na conscientização e na análise crítica das questões relacionadas à violência de gênero, fornecendo uma plataforma para a expressão das experiências das mulheres, questionando normas sociais prejudiciais e promovendo a empatia e a compreensão em relação às vítimas.

Portanto, a literatura de autoria feminina tem acompanhado de perto as transformações sociais e as lutas das mulheres ao longo do tempo. Desde o variado conjunto de obras produzidas por mulheres no final do século XX às autoras contemporâneas, que desempenham um papel literário resistente ao explorar temas antes pouco abordados, como a violência e o estupro. O corpo feminino emerge como um tema central nesse contexto literário, e a linguagem utilizada adquire características contemporâneas e provocativas. Dessa forma, o conto "Gesso" de Jarid Arraes se destaca como um exemplo relevante dessa abordagem literária contemporânea. Através da narrativa de Doralice, o conto revela de maneira sensível e provocativa as complexidades da violência de gênero e do corpo feminino como objeto de opressão e resistência.

4 GESSO: ANÁLISE PRELIMINAR

O conto "Gesso" compõe a obra *Redemoinho em Dia Quente* (2017), de Jarid Arraes, em que Doralice narra a história, em primeira pessoa, da cerimônia de renovação na casa de sua vizinha, Socorro. Durante a narrativa, Doralice compartilha suas observações sobre a cerimônia de renovação, celebração da religião católica em que os fiéis são convidados a refletir sobre sua fé, a arrepender-se de seus pecados e a renovar sua dedicação a Deus e à prática dos ensinamentos de Jesus Cristo. Por meio da renovação, os católicos são incentivados a fortalecer sua conexão espiritual com Deus e a comunidade religiosa, buscando uma maior proximidade com os valores cristãos de amor, perdão, compaixão e serviço aos outros. Assim, é descrito como as pessoas se reúnem para rezar e celebrar, bem como a visão direta e íntima de seus pensamentos, sentimentos e experiências pessoais. Além de mencionar, por exemplo, o tipo de comida que é servido, que varia dependendo da situação financeira da família.

Sempre achei bonita a cerimônia que as minhas vizinhas faziam quando era dia de renovação em alguma casa da rua. O Sagrado Coração de Jesus, o Sagrado Coração de Maria. [...] As vozes cantando juntas. A nós descei, Divina Luz. O coro forte estranhamente afinado.

[...] O tipo de comida dependia do tipo de casa. Gente mais pobre oferecia um suco meio aguado, bolacha maizena e um só tipo de bolo. (ARRAES, 2017, p. 90)

Entretanto, o foco principal da história não está na cerimônia em si, mas nas experiências pessoais de Doralice, especialmente em seu relacionamento abusivo com um homem chamado Sérgio. Sérgio é descrito como alguém violento e controlador, que a maltrata física e emocionalmente. Em relação ao tempo, é narrado de forma linear, seguindo uma sequência cronológica dos eventos. O tempo presente é marcado pela cerimônia de renovação na casa de Socorro, enquanto Doralice reflete sobre seu relacionamento com Sérgio e suas experiências passadas. O conto também faz referência a eventos passados na vida de Doralice, como seu histórico de abuso por parte de Sérgio. A personagem teme por sua vida e busca refúgio na cerimônia de renovação e na suposta intervenção divina da Virgem Maria.

[...] Ele [Sérgio] era um homenzinho horroroso, aqui entre nós. Não de aparência, porque era até apumado, mas no jeito e nas coisas que fazia. Se o dia estava ruim, descontava todas as raivas em mim. No começo só xingava, me chamava de burra. Colocava na cabeça que eu estava dando moral pra outro e dizia que eu era uma quenga. Muita ênfase.

[...] Eu engolia o choro, fazia cara de raiva e deixava que ele me puxasse e me empurasse, porque assim doía menos. (ARRAES, 2017, p. 91)

Esse trecho do conto retrata de forma contundente a dinâmica de violência emocional e física presente no relacionamento de Doralice com Sérgio. A descrição do comportamento abusivo de Sérgio revela como ele exerce controle e poder sobre Doralice, utilizando linguagem depreciativa e agressiva para desestabilizá-la emocionalmente. A manipulação psicológica que ele emprega é evidente na forma como a menospreza e a insulta, criando um ambiente de medo e opressão que a faz sentir-se impotente e subjugada.

Doralice descreve sua reação passiva diante da violência, revelando como ela internaliza a dor e se submete às agressões físicas e verbais como forma de autopreservação. O medo e a sensação de impotência diante das ameaças e agressões de Sérgio a levam a adotar uma postura de submissão, na qual ela tenta minimizar o dano emocional e físico ao se conformar com as ações violentas dele.

Assim, a maior parte da história se passa na casa de Socorro, onde ocorre a cerimônia de renovação. O espaço é descrito com detalhes, incluindo a decoração, os objetos e as pessoas presentes. Há também menções ao bairro e ao ambiente ao redor da casa, como o asfaltamento da rua e as casas dos vizinhos. No entanto, o espaço físico é secundário em relação ao espaço emocional e psicológico, que é onde a narrativa concentra sua atenção, especialmente nos sentimentos e conflitos internos de Doralice.

Minha vizinha da frente, Socorro, sempre fazia uma renovação extravagante. Pelo menos para os padrões do nosso bairro, um loteamento ainda em construção. Quando eu cheguei lá, com meus dezessete anos, aquilo tudo era mato. Mas Socorro fazia questão de ser memorável. Levava a sério esse negócio da Luz que descia bem ali.

Da última vez que ela organizou a renovação, a rua estava muito mais cheia de casas e de gente. Tinham asfaltado tudo, inclusive. Parecia que Socorro queria comemorar o asfalto novo também.

[...]

Feito visagem, vi meu corpo estirado no chão, uma poça de sangue, meu cachorro latindo e levando um chute na fuça também. Tudo muito feio, quem sabe notícia no jornal. Minha mãe, a pobre, perguntaria onde foi que errou. Logo eu, do gênio forte, cair numa armadilha dessas, escolher um homem ruim desses. É a vida, né, mãe? Poderia ser a morte também, então decidi ficar lá dentro até ele cansar de me esperar lá fora. (ARRAES, 2017, p. 90 e 92)

A narrativa explora o conflito interno de Doralice entre sua devoção à cerimônia religiosa e sua luta para escapar do abuso de Sérgio. O enredo explora temas como abuso doméstico, fé, medo e a busca por liberdade, que culmina em um ato de autodefesa, no qual Doralice utiliza uma estátua da Virgem Maria, como um símbolo de proteção e apoio, para se defender de Sérgio, resultando na quebra da estátua e em um cenário de violência.

No que diz respeito à fé, esse elemento desempenha um papel crucial na vida de Doralice, fornecendo-lhe um meio de escapar temporariamente de sua realidade opressiva. Enquanto é chamada por Sérgio e confrontada com sua raiva iminente, Doralice recorre à oração como um mecanismo de defesa psicológica. Ao repetir o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo, ela tenta bloquear o som das ameaças de Sérgio e encontrar um momento de tranquilidade interior. A prática de recitar a oração reflete a maneira como Doralice busca um senso de segurança e proteção, mesmo em meio a um cenário de desespero e perigo iminente. A repetição contínua do Credo pode representar sua necessidade de se agarrar a alguma forma de esperança e crença em algo maior do que sua realidade imediata, mesmo que ela admita incertezas sobre suas próprias crenças.

Além disso, o contraste entre a repetição da oração e a presença de Sérgio, que representa a violência e a ameaça, destaca a dualidade entre a busca por uma espiritualidade reconfortante e a realidade opressiva que Doralice enfrenta. A prática da oração serve como um meio de resistência e sobrevivência, permitindo que Doralice encontre força e coragem para enfrentar as dificuldades de sua vida cotidiana.

Eu escutava meu nome sendo chamado, psiu, ei, Doralice. Fazia de conta que nenhum zumbido chegava ao meu ouvido. Repetia o pai-nosso, a ave-maria, o credo e cantava de novo que a luz, a luz, descei divina e o amor. E Sérgio com raiva. Fumando. Pensei que sorte que essas rezas duram muito, derrama Senhor sobre nós o seu amor, mas a reza logo acabou. Como não sou besta, fui logo pra cozinha com o pretexto de ajudar. Ô, mulher, eu quero ajudar, deixe eu servir aqui os sequilhos. Peguei a bandeja antes que a dona da casa respondesse e fui procurar gente pelos quartos e pelo quintal. [...]

Sentei na cadeira e olhei pra estátua colorida. O manto azul e branco cobrindo a cabeça da Virgem Maria, os braços abertos e as mãos com as palmas pra cima. Era muito bonita, tinha uma expressão serena, só era chato que ficasse me dizendo você vai morrer, de hoje não passa, a morte está chegando, Doralice. (ARRAES, 2017, p. 92 e 93)

A presença da imagem da Virgem Maria é descrita em um contexto simbólico que se distancia das interpretações tradicionais de sua figura. No texto, a representação da Virgem Maria é percebida como um mensageiro de morte e perigo, enquanto o entorno é caracterizado por violência e opressão.

A descrição da estátua da Virgem Maria no conto reflete a atmosfera de tensão e medo vivenciada pela personagem principal, Doralice. A estátua, embora possua uma aparência serena, é apresentada como portadora de mensagens ameaçadoras, sugerindo uma sensação de inevitabilidade e fatalismo em relação à violência iminente. Essa representação contrasta fortemente com a noção tradicional de Maria como símbolo de conforto, esperança e proteção.

Entretanto, encaminhando para o final da história, quando a personagem principal recorre à imagem de gesso da Virgem Maria como uma arma de defesa, ao confrontar uma situação de perigo iminente e opressão por parte de Sérgio. Ao pegar a estátua com a mão direita e usá-la para agredir Sérgio, ela apela para a imagem da Santa como uma forma de resolução de seus problemas e uma manifestação de sua resistência diante da violência que sofre.

Olhei de lado com o maior esforço e encarei Maria, Mãe de Jesus. A estátua tão bonita que sempre peregrinava por todas as casas do bairro. [...]

Sérgio afrouxou a mão do meu pescoço e eu despenquei na cadeira. Bora, mulher, que eu quero meu cuscuz. Ele foi caminhando na frente e me deu as costas. Aí eu não pensei duas vezes. Santinha, me perdoe, mas é a Senhora que vai resolver esse caso pra mim. Peguei a estátua com a mão direita e lasquei uma cacetada na cabeça de Sérgio. Não lembro se ele deu um grito ou se foi o som do corpo caindo. Socorro chegou com dois vizinhos, mas a Santa já estava toda espatifada, os cacos espalhados pelo tapete. A poça de sangue formada no chão. (ARRAES, 2017, p.95)

Ao mesmo tempo, a destruição da estátua durante o confronto físico com Sérgio pode ser interpretada como uma metáfora da quebra de uma imagem idealizada de proteção e segurança que a figura da Virgem Maria representava. A quebra da estátua simboliza o colapso das expectativas de proteção divina e a necessidade de Doralice de encontrar forças dentro de si mesma para resistir e enfrentar a violência que a cerca.

Ademais, é revelada a complexidade da violência como um fenômeno social, histórico e cultural, como enfatizado pela perspectiva de Veena Das. A situação descrita reflete não apenas a violência física entre os personagens, mas também a

violência estrutural presente na sociedade brasileira, especialmente em relação à questão de gênero. A violência vivenciada por Doralice é uma manifestação das relações de poder desiguais enraizadas nas estruturas sociais e culturais.

O contexto histórico e cultural do Brasil, com suas normas e valores patriarcais arraigados, contribui para a perpetuação da violência de gênero, como evidenciado pela submissão de Doralice e sua busca por uma figura divina como forma de intervenção. A quebra da estátua da Virgem Maria pode ser interpretada como uma representação simbólica da quebra das ilusões de proteção e do colapso das estruturas que perpetuam a subalternização das mulheres.

4.1 A PROTAGONISTA EM PAUTA

A narrativa conduzida em primeira pessoa implica que ela está diretamente envolvida nos eventos que estão sendo contados. De acordo com Brait (2006, p. 62): “procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”.

Na formação do sistema literário brasileiro, até o início do século XX, o discurso crítico excluiu a mulher escritora e ajudou a construir uma tradição em que a posição das pessoas do sexo feminino era a de objeto falado em oposição ao sujeito falante. Consoante a Lima e Rolon (2020, p. 22):

Os romancistas, portanto, representavam a mulher por meio de arquétipos que se dividiam entre dois polos: a fatal ou a angelical. No passado, o corpo feminino foi domesticado, doutrinado, subjugado e violentado. Era espelho da sua designação feita pela sociedade. As duas vertentes da mulher (a fatal e a virtuosa) enalteciam a satisfação sexual de uma massa de leitores brancos e elitizados. Na ficção, o espaço das personagens femininas era delimitado: ou era independente, e por isso uma ameaça, ou era submissa, ao ponto de sofrer perseguições e abusos.

No decorrer do conto "Gesso", Doralice narra a sua história, como um relato, no qual é apresentada inicialmente como uma figura submissa e vulnerável, sujeita aos abusos de seu parceiro, e expõe a perspectiva da mulher como vítima, “ousadia de um discurso valioso que apontou para a conquista de uma nova ordem social” (LIMA E ROLON, 2020, p. 36). No entanto, à medida que a narrativa avança, ela demonstra sinais de resistência e determinação, buscando proteção e emancipação dentro das limitações de seu contexto social. Sua jornada revela as complexidades

das experiências das mulheres em situações de opressão e o papel significativo que elas desempenham na transformação de suas próprias narrativas.

Assim, é considerado refletir acerca do testemunho da protagonista, no qual suas descrições atingem as palavras e o seu corpo, trazendo informações precisas, ao invés de colocar-se em silêncio e cultivasse sua própria dor, torna-se de fato uma protagonista presentificada e ansia por uma forma de escapar da sua condição de subalternidade. Mediante essas transações complexas entre fé, desespero e sobrevivência, Doralice foi capaz de dar voz e mostrar o mal que lhe foi feito, como de oferecer o testemunho ao dano causado em todo o tecido social. A protagonista oferece uma voz como uma criação espetacular e desafiadora do sujeito por meio do ato da fala e o seu ato de violência, ela define como a violência é capaz de fazer para alterar a maneira pelas quais as mulheres passam da transição de subalternidade para protagonista. Ao testemunhar, "[...] o passado entra no presente não necessariamente como memória traumática, mas como conhecimento venenoso" (DAS, 2020, p.113).

Nesse sentido, a narrativa de Doralice em "Gesso" não apenas destaca a importância de dar voz às experiências das mulheres, mas também revela a capacidade transformadora do ato de testemunhar. Ao compartilhar sua história, ela oferece não apenas um relato pessoal, mas também uma crítica contundente das estruturas de poder e opressão, que desencadeiam violações dos corpos e diferentes tipos de violência que atingem as mulheres.

Logo, o termo "gesso" no título pode ser interpretado como uma metáfora que simboliza a fragilidade, a restrição e a opressão enfrentada pela protagonista Doralice e, por extensão, pelas mulheres em geral. O gesso é um material frágil, muitas vezes utilizado para criar moldes ou estruturas temporárias, mas que também pode representar limitações físicas ou restrições. Assim, o título "Gesso" pode aludir à condição de Doralice como uma mulher cujas ações e oportunidades são restringidas pela sociedade patriarcal e opressiva na qual ela está inserida.

4.2 SUBALTERNIDADE OU PROTAGONISMO?

A partir da perspectiva de Gayatri Chakravorty Spivak, na obra *Pode o subalterno falar?* (2010), o conceito de subalternidade adquire uma conotação complexa e multifacetada, destacando a marginalização e a falta de representação

dos sujeitos do Terceiro Mundo, especialmente dentro do contexto da dominação colonial e imperialista. Spivak argumenta que o intelectual ocidental, muitas vezes imerso em uma narrativa de superioridade cultural, tende a perpetuar representações distorcidas dos sujeitos do Terceiro Mundo, reforçando sua posição de "Outro" subalterno.

Nesse contexto, a subalternidade emerge como uma condição de silenciamento e exclusão, onde os sujeitos colonizados são despojados de sua voz e agência, tornando-se vítimas da violência epistêmica resultante das estruturas de poder impostas pelo colonialismo e imperialismo. A falta de acesso a recursos educacionais e legais, combinada com a imposição de ideologias e narrativas coloniais, perpetua a supressão da capacidade dos subalternos de articular suas próprias experiências e perspectivas.

Além disso, Spivak (2010) destaca a dinâmica complexa que envolve os interesses das elites nativas, cuja colaboração com as potências coloniais muitas vezes leva à reafirmação das hierarquias de poder existentes, contribuindo para a perpetuação da subalternidade e para a continuidade das relações de dominação. Nesse contexto, o sujeito subalterno, seja ele masculino ou feminino, é representado como alguém cuja voz é suprimida, cuja agência é negada e cujas experiências são frequentemente distorcidas ou omitidas.

No contexto do itinerário do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há "evidência". É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina (SPIVAK, 2010, p. 66).

Nessa citação, é discutida a dinâmica complexa em torno do sujeito subalterno, que se refere a grupos sociais marginalizados, frequentemente subjugados e oprimidos dentro de estruturas de poder dominantes. Spivak ressalta como, nesse contexto, o papel das mulheres é muitas vezes obscurecido, e a análise da participação feminina na resistência e nas lutas de poder não deve ser reduzida simplesmente à divisão sexual do trabalho ou à participação em movimentos de insurgência.

A "obliteração dupla do caminho da diferença sexual" refere-se à forma como as experiências e contribuições das mulheres, embora presentes, são frequentemente apagadas ou ignoradas nos registros históricos e nas narrativas de resistência.

A abordagem de Das (2020) sobre a natureza da violência como uma categoria fundamentalmente instável e contextualmente construída se conecta diretamente com as discussões de Spivak sobre a subalternidade e a supressão da voz dos sujeitos colonizados. A compreensão de que a violência não se limita apenas a atos físicos de agressão, mas também incluem dimensões emocionais, psicológicas e sociais ressalta a complexidade do impacto da opressão e dominação sobre os sujeitos subalternos.

Considerando a perspectiva de Castells (2018) sobre as dimensões estruturais e políticas da violência, percebe-se que as condições sociais, políticas e econômicas desempenham um papel fundamental na perpetuação da subalternidade, criando um ambiente propício para a emergência e escalada de formas de opressão e injustiça. As dinâmicas de desigualdade, discriminação e acesso limitado a recursos destacadas por Castells estão intrinsecamente ligadas à subordinação dos sujeitos colonizados e à sua incapacidade de articular suas próprias experiências e perspectivas.

E de fato é isso que o modelo de democracia liberal nos propõe. A saber: respeito aos direitos básicos das pessoas e aos direitos políticos dos cidadãos, incluídas as liberdades de associação, reunião e expressão, mediante o império da lei protegida pelos tribunais; separação de poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário; eleição livre, periódica e contrastada dos que ocupam os cargos decisórios em cada um dos poderes; submissão do Estado, e de todos os seus aparelhos, àqueles que receberam a delegação do poder dos cidadãos; possibilidade de rever e atualizar a Constituição na qual se plasam os princípios das instituições democráticas. E, claro, exclusão dos poderes econômicos ou ideológicos na condução dos assuntos públicos mediante sua influência oculta sobre o sistema político. (CASTELLS, 2018, p. 9)

Assim, a violência de gênero no Brasil, particularmente contra as mulheres, é fundamental compreender como as estruturas sociais, políticas e econômicas contribuem para a perpetuação dessa violência. As dinâmicas de desigualdade de gênero, discriminação e acesso limitado a recursos têm sido profundamente enraizadas na sociedade brasileira, resultando em um ambiente propício para a emergência e escalada de diversas formas de opressão e violência contra as mulheres.

A subordinação das mulheres, que muitas vezes são privadas de sua agência e voz devido a sistemas patriarcais arraigados, reflete uma forma de subalternidade que as coloca em uma posição de vulnerabilidade e desvantagem estrutural. A

persistência de estereótipos de gênero restringe a capacidade das mulheres de articular suas próprias experiências e perspectivas dentro da sociedade.

Nesse contexto, as perspectivas de Castells sobre a importância de uma democracia liberal funcional assumem uma relevância significativa. A defesa dos direitos básicos das pessoas e o respeito aos direitos políticos das mulheres são fundamentais para combater a violência de gênero e promover a igualdade de gênero no Brasil. A proteção das liberdades de associação, reunião e expressão, juntamente com um sistema jurídico imparcial e uma estrutura de governo transparente, são elementos cruciais para enfrentar as questões estruturais que contribuem para a subalternidade das mulheres no país.

A exclusão de influências econômicas e ideológicas na condução dos assuntos públicos, conforme mencionado por Castells, é especialmente relevante na luta contra a violência de gênero, pois ajuda a garantir que os interesses das mulheres não sejam subjugados por poderes externos que perpetuam a desigualdade de gênero.

Ao integrar as perspectivas de Spivak, Das e Castells em relação à violência de gênero no Brasil revela uma compreensão abrangente das dinâmicas complexas que perpetuam a subordinação das mulheres, pois “a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero” (SPIVAK, 2010, p. 69 apud ALMEIDA, 2010, p. 14 e 15). A análise de Spivak enfatiza a marginalização e a falta de voz das mulheres, especialmente aquelas pertencentes a comunidades subalternas, destacando a necessidade de dar espaço para suas narrativas e experiências.

Essas figuras femininas se constituem como seres ficcionais que não possuem representação política tampouco legal nesses espaços, por isso são privadas da possibilidade de se tornarem integrantes do estrato social dominante. Além disso, configuram-se, também, como personagens protagonistas cujo caráter dialógico na fala é ausente, sendo esse mais um aspecto da subalternização. (SPIVAK, 2010, apud SILVA, GONÇALVES E FERREIRA, 2019 p.114).

Ao considerar a abordagem de Das (2020) sobre a violência como uma categoria fluida e socialmente construída, percebe-se a importância de reconhecer os múltiplos aspectos da violência de gênero, incluindo suas manifestações físicas, psicológicas e emocionais, e a necessidade de abordar a complexidade de suas raízes culturais e estruturais. Complementarmente, a análise de Castells ressalta como as

desigualdades socioeconômicas e o acesso desigual a recursos contribuem para a perpetuação da violência de gênero.

Em contrapartida, o protagonismo relaciona-se à capacidade de uma pessoa desempenhar um papel ativo e central em sua própria vida e na sociedade em geral. Em termos de condição feminina, o protagonismo se relaciona com a capacidade das mulheres de assumirem papéis de destaque e liderança em diferentes esferas da vida, incluindo a política, a economia, a cultura e a família. A condição feminina abrange as diversas realidades, desafios e lutas enfrentadas pelas mulheres no contexto social, político, econômico e cultural. A voz da mulher, por muito tempo, foi silenciada. No entanto, a conquista do espaço feminino, segundo Zinani (2006, p. 25), acontecerá na medida em que a mulher ao assumir seu discurso e realizar uma crítica centrada na figura feminina, adquirindo voz e visibilidade.

Dentro do contexto do conto "Gesso" de Jarid Arraes, a questão da subalternidade, violência e protagonismo é explorada através da trajetória da personagem principal, Doralice. A subalternidade de Doralice é caracterizada pela sua posição de vulnerabilidade e submissão em relação a Sérgio, seu parceiro abusivo. Sua falta de poder de decisão e autonomia é acentuada pela presença constante de violência física e emocional em seu relacionamento.

A narrativa enfatiza a maneira como a estrutura patriarcal subjuga Doralice, restringindo sua liberdade e agência. Apesar da posição de subalternidade da personagem, o conto revela seu protagonismo ao tomar uma decisão ousada no desfecho da narrativa, rompendo com a dinâmica de violência e opressão imposta por Sérgio, ao matá-lo usando a imagem da Virgem Maria. Além disso, a história é narrada em primeira pessoa, ou seja, a protagonista faz um relato pessoal sobre a sua experiência o que proporciona uma visão íntima de suas emoções, pensamentos e dilemas internos, permitindo a compreensão da complexidade de sua situação e os desafios enfrentados por ela em um ambiente opressivo. A violência, tanto física quanto psicológica, que Doralice sofre é retratada de forma crua e realista, destacando o impacto devastador que a opressão de gênero tem em sua vida.

Apesar da submissão e da opressão que enfrenta, Doralice demonstra resistência ao desafiar ativamente o controle de Sérgio, reivindicando sua agência por meio de um ato decisivo. Esse ato simboliza uma ruptura com a condição de

subalternidade, permitindo que ela se liberte das amarras impostas pelo patriarcado e reafirme seu poder de tomar suas próprias decisões, mesmo que de maneira extrema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, Jarid Arraes é uma autora contemporânea cuja fortuna crítica ainda está em desenvolvimento. O estudo do conto em pauta pode trazer evidências para os estudos de gênero, além de contribuir com os estudos literários lusófonos mais atuais.

Em relação à compreensão da violência como uma categoria instável e multifacetada, conforme descrito por Das (2020) e Castells (2018), o estudo levado a efeito revela a complexidade das dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldam sua manifestação. No contexto brasileiro, essa compreensão é fundamental para examinar criticamente a história da violência, especialmente no que se refere à violência de gênero, destacando a influência de normas culturais, estruturas sociais e desigualdades de poder na perpetuação desses atos violentos. Assim, a violência de gênero é um fenômeno complexo que transcende as relações interpessoais, estendendo-se a estruturas sociais e culturais profundamente arraigadas. Suas manifestações abrangem diversas formas de abuso físico, psicológico, econômico e sexual, muitas vezes enraizadas em estereótipos de gênero e relações de poder desiguais. Além disso, as autoras contemporâneas têm desempenhado um papel significativo na ampliação da conscientização e na promoção de discussões sobre a violência de gênero por meio de suas obras literárias, oferecendo uma voz essencial para as experiências das mulheres silenciadas, proporcionando uma visão crítica e sensível sobre a violência de gênero e o corpo feminino.

Logo, o estudo empenhou-se em analisar a questão da violência de gênero no conto "Gesso", de Jarid Arraes. A narrativa destaca as estratégias de sobrevivência adotadas pela personagem principal, incluindo a recitação de orações como forma de enfrentar a violência e a opressão do parceiro abusivo, Sérgio.

Entretanto, Doralice revela a complexidade de sua jornada, indo além de uma mera representação de vítima. O texto destaca a evolução da personagem, que passa de uma posição inicial de submissão e vulnerabilidade para uma demonstração de resistência e determinação, buscando proteção e emancipação dentro das limitações de seu contexto social. A personagem, ao dar voz à sua história e testemunhar a violência que lhe foi infligida, desafia as estruturas de poder e opressão, revelando a capacidade transformadora do ato de testemunhar.

No tocante à discussão sobre subalternidade e protagonismo, destacada por Spivak, Das e Castells, o conto serve como um exemplo de como a violência de gênero é perpetuada no contexto brasileiro. A trajetória da personagem Doralice reflete a subordinação das mulheres, evidenciando as dinâmicas complexas que contribuem para a marginalização e a falta de voz das mulheres subalternas. No entanto, o protagonismo de Doralice se revela por meio de um ato desafiador no desfecho da narrativa, simbolizando uma ruptura com a condição de subalternidade e reivindicando sua agência dentro de um ambiente opressivo.

As ideias de Spivak sobre a falta de representação e voz das mulheres em contextos subalternos são evidenciadas na posição de Doralice. Além disso, a abordagem de Das sobre a violência como uma categoria fluida ressalta a complexidade das experiências de Doralice, tanto física quanto psicologicamente. Da mesma forma, a análise de Castells sobre as desigualdades socioeconômicas e a necessidade de uma democracia funcional destaca os desafios estruturais que as mulheres enfrentam no Brasil.

A violência de gênero no Brasil continua sendo um problema significativo, enraizado em estruturas sociais e culturais complexas. Para combater essa violência, é crucial promover a conscientização sobre as questões de gênero, garantindo às mulheres proteção de seus direitos básicos e políticos. A luta contra a subalternidade exige a criação de espaços seguros e para que as mulheres possam articular suas próprias experiências e perspectivas, quebrando as barreiras impostas pelo patriarcado e promovendo uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Sobre mulheres, escrita e resistência: desafios contemporâneos. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 32, p. 13-26, julho de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/12863>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia de Sol**. In: Gesso. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

DAS, Veena. **Vidas e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Unifesp, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. VIOLÊNCIA E SEXUALIDADE EM ROMANCES DE AUTORIA FEMININA. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 32, n. 1, p. 137–149, 2020. DOI: 10.47250/intrell.v32i1.12872. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12872>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

LIMA, Anna Caroline Salignac; ROLON, Renata Beatriz Brandespin. A MULHER VIOLENTADA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE “O CASO DE RUTH”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E “CLAUDIUS HERMANN”, DE ÁLVARES DE AZEVEDO. **Revista Athena**, v. 18, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.unemat.br/index.php/athena/article/view/4662>>. Acesso em: 03 de novembro de 2023.

LISBOA, Manuel et al. **Violência e gênero**. 2009.

MAZZARIELLO, Carolina Cordeiro. FERREIRA, Lucas Bulgarelli. 2015. "Gênero". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<https://ea.fflch.usp.br/conceito/genero>>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

_____. Ministério da Família e dos Direitos Humanos. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/copy_of_primeiro-semester-de-2023>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

OLIVEIRA, Joana. Jarid Arraes, a “jovem mulher do sertão” que faz literatura retirante. **El país**, 21 julho, 2019. Cultura. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/16/cultura/1563309707_729625.html>. Acesso em: 04 de novembro de 2023.

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. **Crítica marxista**, v. 2, n. 21, p. 132-153, 2005. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves; ARRUDA, Aline Alves. O estupro em duas narrativas de autoria feminina contemporânea. **Revista Criação & Crítica**, n. 29, p. 145-160, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171735>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência, gênero e cotidiano: o trabalho de Veena Das. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 357-369, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZLcQCY8Dj4vsDvtxLwFxyDD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

SANTOS, Laís Galvão dos. Estudos Literários. O COLETIVO PLURAL EM REDEMOINHO EM DIA QUENTE, DE JARID ARRAES., **REVISTA VERSALETE**, v. 8, ed. 15, p. 497-502, 2020. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-15/28-SANTOS.-Lais-Galvao-dos.-O-coletivo-plural.pdf>. Acesso em: 4 de novembro de 2023.

SILVA, Carlos Wender Sousa. Apreensão do ódio e da violência em Gog Magog, de Patrícia Melo. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, [S. l.], n. 37, p. 87–102, 2022. DOI: 10.24261/2183-816x0637. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/835>. Acesso em: 24 setembro 2023.

SILVA, Maria Andréia de Paula; GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues; FERREIRA, Luciana Genevan da Silva Dias. ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA: CONTOS ASSINALADOS PELO NÃO-DITO. **IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 23, n. 1, p. 113-120, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/29013>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick **Cena do crime: Violência e realismo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Jarid Arraes e a poética de resistência. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 26, p. 621-636, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35394>. Acesso em: 04 de novembro de 2023.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: Educs, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **IPOTESI–REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS**, v. 13, n. 2, 2009. Disponível em <<http://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.